



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO**

**JOÃO VICTOR PEREIRA DE SOUSA**

**BABILÔNIA NORTE: A QUADRA ESTRANHA DE BRASÍLIA**

**BRASÍLIA  
2022**

**JOÃO VICTOR PEREIRA DE SOUSA**

**BABILÔNIA NORTE: A QUADRA ESTRANHA DE BRASÍLIA**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Spiller Pena.

**BRASÍLIA  
2022**

Pereira, João Victor de Sousa.

Babilônia Norte: a quadra estranha de Brasília/ Pereira,  
João Victor de Sousa. 2022.

48 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade de Brasília,  
Centro de Excelência em Turismo, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Spiller Pena.

1. Babilônia Norte 2. Brasília 3. Fotografia 4. Guia  
Poético 5. Turismo

**JOÃO VICTOR PEREIRA DE SOUSA**

**BABILÔNIA NORTE: A QUADRA ESTRANHA DE BRASÍLIA**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Spiller Pena – Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marutschka Moesch – Membro Interno

---

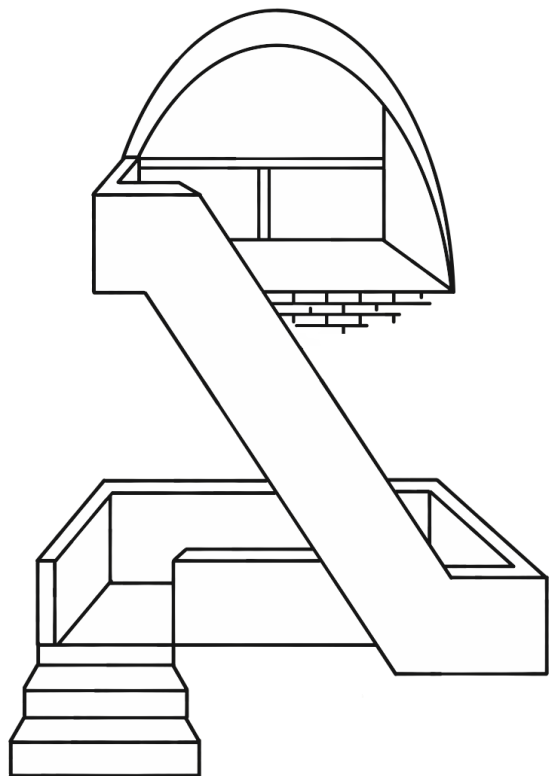
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karina e Silva Dias – Membro Interno

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Carolina Menezes Palhares – Suplente

Brasília, 5 de outubro de 2022.





## **AGRADECIMENTO**

À Maria e Ailton, meus pais.

Às minhas irmãs, que me encorajam com amor.

Aos amigos, tantos e muitos.

Aos queridos, poucos.

À família que eu escolhi ao longo dos anos.

Aos professores que me ensinaram, aos que me acolheram.

À vida, que me escolheu para ser artista.

Aos meus pés que me trouxeram até aqui.

Ao Nordeste e ao Sul, mar e sertão; viagens e histórias, meu mochilão.

E, por fim, a quem está confiando e fazendo a travessia de encontros e desencontros, partidas e vindas, junto comigo.

## RESUMO

Com um olhar atento à paisagem, ao andar a pé por Brasília, entre asas e eixos, há, no lado norte, a quadra comercial 205/206, que revela uma construção arquitetônica projetada de forma diferente das demais, com colunas e arcos de cor branca, a estrutura traz estranheza para quem passa por ela. Descobrir que por detrás do concreto existe a possibilidade de imersão poética e de potencializar o lugar como um atrativo turístico, por sua tamanha beleza e excentricidade, é o resultado desta pesquisa que se constrói a partir de registros fotográficos. Uma série que se coloca como um *Guia Poético Fotográfico*, material elaborado como inspiração para quem busca despertar o imaginário sobre a cidade e (re)conhecer uma edificação única em Brasília.

Palavras chave: Babilônia Norte; Brasília; Fotografia; Guia Poético; Turismo.

## **ABSTRACT**

With a careful look at the landscape, when walking through Brasilia, between wings and axes, on the north side there is the commercial block 205/206 that reveals an architectural construction designed in a different way from the other blocks. With columns and arches in white color, the structure brings strangeness to those passing by it. To discover that behind the concrete there is the possibility of poetic immersion and of enhancing the space as a tourist attraction, due to its beauty and eccentricity, is the result of this research that comes from photographic logs, a series that stands as a *Photographic Poetic Guide*, material prepared as inspiration for those who seek to awaken the imaginary about the city and (re)congnize a unique construction in the Capital.

Key-words: Brasilia; North Babylon; Photography; Poetic Guide; Tourism.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Plano Piloto de Brasília, Lúcio Costa.	13
--	----

## **LISTA DE FOTOGRAFIAS**

Fotografia 1. Registro pessoal. Samara Lima, 2015.	19
Fotografia 2. Registro pessoal. João Pereira, 2016.	23
Fotografias 3 a 45. Registros pessoais. João Pereira, 2015/2016.	25

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>BRASÍLIA</b>	<b>13</b>
<b>BABILÔNIA NORTE</b>	<b>15</b>
<b>TURISMO CIDADÃO</b>	<b>16</b>
<b>VIAGEM</b>	<b>18</b>
<b>FOTOGRAFIA</b>	<b>19</b>
GUIA TURÍSTICO E FOTOLIVRO	20
GUIA POÉTICO FOTOGRÁFICO	21
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE A – GUIA POÉTICO FOTOGRÁFICO</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

Entre as asas e os eixos de Brasília existe uma construção arquitetônica que desperta a curiosidade de quem se depara com ela pela primeira vez.

Projetada com formas geométricas diferentes das demais, a Babilônia Norte, como é conhecida popularmente a quadra comercial da 205/206 norte, nos leva a uma experiência visual única na cidade. Por meio dos olhares atentos de quem passa por ela, a interação se faz ao adentrar e caminhar por seus corredores e túneis, tornando a construção um lugar para encontro e imersão poética. Hoje, após sua revitalização, a quadra passou a ser um lugar atrativo aos olhares transeuntes.

A partir de uma experiência vivida, por meio de caminhada e registros fotográficos, este projeto tem como objetivo a elaboração de um *Guia Poético Fotográfico*, publicação em formato on-line, no qual, de forma artística, as fotografias capturadas durante o percurso realizado na quadra revelam não somente um lugar, mas, também, uma forma de despertar o imaginário para quem buscar dentro de si a curiosidade e a sua própria interpretação. Logo, através do olhar afetivo e da continuidade das escalas visuais expostas nesse projeto (por meio dos registros fotográficos), a quadra surge como proposta e potencial para visita, atraindo não somente turistas, mas, também, quem mora ao redor.

(Re)conhecer o local que habitamos torna-se uma oportunidade para admirar e trazer para si a prática do olhar que se encaixa dentro ou fora do caminho que traçamos em nosso dia a dia. Colocar-se como explorador e caminhante onde se reside é uma maneira de gerar sentimento e pertencimento sobre a cidade, despertando desejo, revelando histórias, ideias e intervenções; tornando o trajeto para quem anda, passa ou atravessa lugares, um momento de experimentação para consigo mesmo. Assim, a apresentação desta pesquisa se dará por meio de textos em caráter de ensaio, onde a experiência vivida se desdobrará como conteúdo para expressar indagações e reflexões.

Quanto à estrutura, a monografia está dividida em 5 partes, sendo a primeira parte sobre Brasília e sua construção, a segunda sobre a quadra Babilônia Norte, na Asa Norte, e sua história, a terceira parte sobre o conceito e experiência de Turismo Cidadão, na quarta a experiência da Viagem e na quinta a Fotografia, destacando o conteúdo para o entendimento do que é Guia Turístico e Fotolivro, servindo de base para a elaboração do Guia Poético Fotográfico, que estará acessível para

apreciação da banca de avaliação da monografia por meio de um *QR code* logo após as considerações finais, no apêndice A.

Assim, serão apresentadas, no corpo do texto, as imagens, construindo o todo como narrativa de afetividade e proximidade que se fazem característica principal para uso daquele espaço como potencial turístico e imersão poética visual; são recortes que se apresentam como guia para leitura e interpretação, uma visitação através do olhar fotográfico. Nessa parte do trabalho optou-se pelo registro das imagens na forma como se apresentam no Guia, justificando-se a sua inserção, sem observar os aspectos formais do registro em uma monografia, para conduzir o(a) leitor(a) à experimentação visual do autor. As imagens, seu ano de registro e autoria são assinaladas na lista de fotografias.

O projeto tem como base pesquisas bibliográficas: a primeira etapa consistiu em aprofundar e construir esta pesquisa por meio de um pensamento e análise teórica sobre turismo cidadão e poética da viagem. A experiência turística visual fotográfica como método de interação pessoal para com o destino. Em seguida, a vivência pessoal iniciada em 2015, prolongada até 2016, identificando por meio do olhar atento às evidências da quadra Babilônia Norte como potencial para uma experiência turística relacionada à fotografia; os arquivos pessoais ao longo de um ano mostram que cada momento percorrido trazia consigo uma oportunidade e um novo momento para se registrar, observar e admirar um lugar que tem a estranheza como sua principal característica.



## BRASÍLIA

Dentro do planalto central, Brasília é um desafio visual para quem busca entendimento sobre um lugar tido como moderno. Partindo do desconhecido, a cidade oferece possibilidades e narrativas por conta de sua construção com espaços vagos e de grande horizonte; nela, o pensamento faz desvio por toda parte. De segura e vislumbre para os olhos, o Cerrado é o lar de todos aqueles que têm em sua identidade a terra vermelha, galhos tortos e frutos com sabores fortes. Já o céu se estende no infinito por suas cores, que faz contraste com toda a paisagem, linhas e curvas.

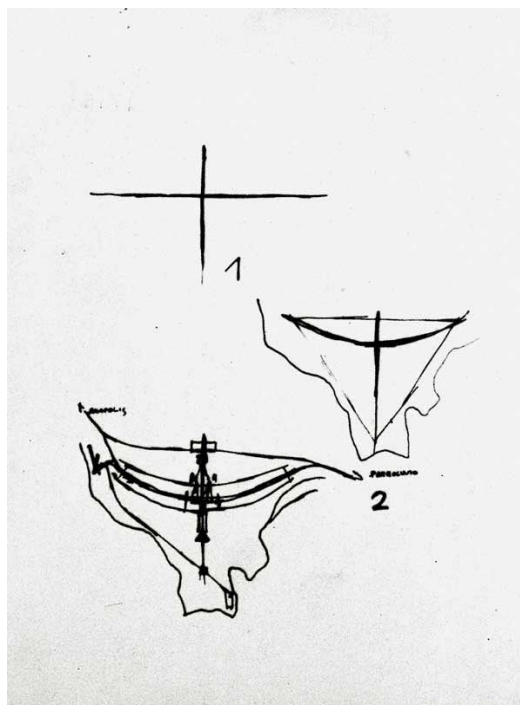


Figura 1 - Plano Piloto de Brasília, Lúcio Costa.  
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

A partir de dois traços que se cruzam, projeto idealizado por Lúcio Costa, em 1957, segundo o mesmo, “(...) nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (COSTA, 1957 apud ArPDF; CODEPLAN; DePHA, 1991, p. 22). Assim, o formato de Brasília se apresenta também como um avião, não à toa, a “viagem” começa por este marco, onde a narrativa deste trabalho se desperta para a experiência poética vivida, isso entenderemos um pouco mais adiante.

Entre os dois traços propostos, uma linha traçada no sentido norte-sul, apresentando-se como asas, sul e norte, e, a partir do centro da linha faz-se outro traço, sentido leste-oeste, assim, o marco zero. A cidade se configura a partir daí, tendo como diferencial em sua organização as escalas Monumental e Residencial.

Na escala Residencial estão as superquadras, como são chamadas as quadras compostas por blocos de moradia que se interligam com quadras comerciais, em meio às vias e espaços arborizados, que separam umas das outras.

A Asa Sul surgiu primeiramente para a implementação do conceito sugerido por Lucio Costa como modelo residencial exemplar, mais especificamente na quadra 308, conhecida como quadra modelo, que se tornara modelo ideal por conter edificações que contribuem para uma vivência de maior facilidade para quem a reside, com serviços básicos e de lazer, como exemplo a Igrejinha e o Cine Brasília, edificações que compõe a superquadra da 308 sul e que, hoje, são atrativos turísticos da cidade, assim como a própria quadra modelo.

Contudo, o conceito das superquadras se tornou algo não alcançável pelas demais quadras da Asa Sul. E dali, ou adiante do outro lado, a Asa Norte, tendo suas primeiras construções tempos depois, acabou por explorar outros meios de configuração de quadras residenciais e comerciais.

Uma delas, não se tem igual, ou mesmo parecida com outra. De construção peculiar, a quadra estranha (também assim chamada) nos traz uma nova perspectiva e dúvida quanto à capacidade de compreender um espaço, lugar e edificação. A partir disso, como tamanha estranheza poderia ser revelada para a comunidade local e turistas que têm consigo o desejo de descobrir dentro das asas de Brasília um lugar de encontro e desencontros? Ou uma possibilidade de imersão na arquitetura e na vivência local tendo a paisagem como proposta de novos olhares? Este questionamento permitiu acessar a ferramenta necessária para acompanhar essa descoberta: a fotografia, que se torna o meio com que dispus a respondê-la. O afeto criado por meio de registros tornou-se um guia poético para, talvez, partilhar do então entendimento do real vivido, sendo o imaginário uma extensão da paisagem a ser revelada.

## **BABILÔNIA NORTE**

Na Asa Norte encontra-se a superquadra comercial 205/206: estranhamente construída, de cor branca, com formas geométricas, entradas por escadas e saídas subterrâneas. Um labirinto.

O projeto arquitetônico é de Doramélia Marra da Motta que, ainda como aluna da Universidade de Brasília, já esboçava o desejo de elaborar uma superquadra que fosse diferente. O projeto em si foi elaborado no fim da década de 70 e proposto para o então Governador Elmo Faria. A ideia apresentada visava maior integração entre quadra e comunidade, com a entrada dos estabelecimentos virada para área residencial, acessível a pé. Já os fundos virados para a rua, aproveitando o olhar dos motoristas que, ao passarem, veriam painéis pendurados. Passarelas subterrâneas conectam uma quadra a outra e garante a passagem livre dos pedestres. As janelas com aberturas de concreto em forma de arcos possuem um declive diagonal que barram a água da chuva. Já a cobertura dos prédios é um espaço livre e arborizado, apelidado de Jardins Suspensos.

A quadra, conhecida pelos moradores da região como Babilônia Norte, foi inaugurada em 1979 e, ao longo dos anos, passou por diversas mudanças por conta da venda das lojas, uma vez que os novos proprietários não se preocupavam com a aparência da quadra de forma sólida, uniforme, afetando, assim, a preservação do planejamento urbanístico e arquitetônico. Tudo é muito inconstante nesse peculiar pedaço branco da cidade.

Há pouco tempo, a Babilônia Norte passou por um processo de revitalização, abandonando suas antigas “ruínas” e ganhando novas cores, realçando contrastes e ângulos. Arte e cultura vêm se apropriando do espaço, a tornando mais habitável para a comunidade. Aos poucos, está deixando de ser “a quadra estranha Brasília” e se tornando a “queridinha”, por ser exatamente o que é: excêntrica.

Blocos, corredores, escadas, passagens, rampas e vistas: fluxos constantes; um novo conceito. Quem a vê pelo lado de fora não imagina suas possibilidades. Entre céu e concreto: uma descoberta.

## TURISMO CIDADÃO

Andar por anos pelas mesmas quadras, para além de todas as cidades satélites que cercam o Plano Piloto, me deparar com a Babilônia Norte foi algo que, em um primeiro momento, me causou curiosidade e estranheza, mas o desejo de andar a pé por lá e conhecer o que havia de tão íntimo aos meus olhos, era, dentro de mim, uma viagem que eu tornaria a fazer

Com esse propósito, mesmo não morando perto, vindo de uma cidade satélite, Ceilândia, soube que aquela quadra era minha, pois me coloquei a descobri-la e mostrá-la para quem quisesse vê-la. Não para ver com olhos, isso quase todos conseguem, mas para uma imersão visual de afetividade; os passos dados enquanto percorria me fizeram sentir algo novo ou perceber uma confusão que parecia não ter fim, um encontro de possibilidades que revelou uma paisagem de tamanha beleza, que ali eu via.

Portanto, coloquei-me como turista, visitando, aprendendo e vivendo algo fora do meu cotidiano, mas dentro de um trajeto agora já percorrido. Segundo Gastal e Moesch:

O Turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer (GASTAL e MOESCH, 2007, p. 11).

A partir do descrito pelas autoras, o turismo acontece quando saímos para um lugar que não conhecemos, ou a partir de desvios em nosso cotidiano, em busca de encontrar ou descobrir caminhos, que, através do deslocamento torna a experiência uma prática para o olhar atento a conhecer cenários, esses que podem trazer memória afetiva, resgatar uma lembrança ou conquistar, enxergar para, então, apropriar-se de uma nova paisagem.

Para entendermos como se dá essa prática do olhar do turista sobre a cidade, olhar esse que desperta quando há interesse em ir de encontro ao desconhecido, o conceito de Turismo Cidadão traz o morador local como explorador de sua própria cidade, e a partir disso se revela a familiaridade, o pertencimento ao espaço urbano e rural junto ao exercício da viagem.

Seja andando a pé ou dirigindo carro, acompanhado ou sozinho, a apropriação do lugar conquistado pode ter diferentes significados. A partir desta pesquisa proposta, criou-se uma relação de afetividade, aproximação com a cidade e um olhar singular para o lugar, trazendo consigo possibilidades de criação de uma rota visual. Portanto, as autoras descrevem que, para o turista cidadão,

O território torna-se familiar e, nele e com ele, constrói-se relação de pertencimento e identificação, pois se passa a compartilhar seus códigos e, de posse dos mesmos, a situar a própria subjetividade em relação aos fixos presentes no urbano (GASTAL e MOESCH, 2007, p. 60).

Andar por uma nova rota possibilitou que eu me tornasse atento às passagens, caminhos e trajetos percorridos por mim, seja em Brasília ou em outro lugar que também pertenço; descobri dentro da minha cidade, essa que nasci, um olhar que me possibilitou formas de criar experimentos visuais como resultado de uma curiosidade, assim como fazer da viagem uma ferramenta para guiar quem busca o mesmo sentimento.

## VIAGEM

Estar sozinho e perceber o que está à minha volta, olhando para fora e para dentro; e é algo que deixo neste texto como resultado de um projeto que levou tempo, tempo esse não longo, tão menos passageiro: um momento em que me vi como alguém que está para partilhar uma experiência.

Pensar uma poética da viagem é reconhecer-se sempre um pouco fora do lugar, não porque não se tenha uma casa para onde retornar, mas porque, talvez, nos sintamos em casa no movimento. Nesse amor pela distância, habitar a paisagem como quem encontra um lugar para (re)pousar. (DIAS, 2022, p. 150.)

Tudo era e foi confuso de início: reparar em detalhes, observar, parar, ouvir e continuar a andar e ser levado sempre a algo novo: uma sombra que em segundos já não estava mais ali, a perda de algo que demoraria a ver novamente. Um desenho na parede, um pássaro que por pouco tempo pousou e levantou voo, o céu azul, não cinza, uma nuvem ou outra. Esperar o movimento dos transeuntes se acalmar, escolher o domingo como o dia para encontrá-la; silêncio, fora e dentro. Estar perdido no percurso improvisado nada mais é do que uma chance que tive em deixar meu olhar guiar e imaginar novas paisagens dentro de uma só, uma janela constante.

Deslocar-me pela Babilônia serviu de travessia como para quem viaja para o distante, saindo da zona de conforto para aventurar-me em um lugar onde percebi estar envolvido por completo, lugar esse que me possibilitou sensações diversas.

Como destaca Onfray,

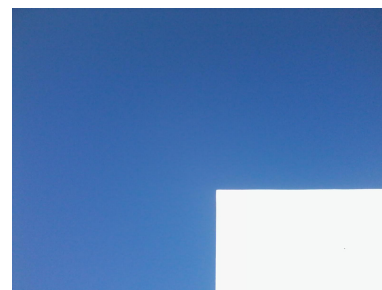
A viagem, de fato, é uma ocasião para ampliar os cinco sentidos: sentir e ouvir mais vivamente, olhar e ver com mais intensidade, degustar ou tocar com mais atenção – o corpo abalado, tenso e disposto a novas experiências, registra mais dados que de costume. O viajante percebe-se menos preso aos detalhes do cotidiano do que submetido à prova fenomenológica: imerso no real, ele se conhece através do jogo da intencionalidade e da consciência, experimenta ser forçado a emergir como acontecimento e do nada onde são encontrados os resíduos da decisão. Viajar é uma intimação a funcionar sensualmente por inteiro. (ONFRAY, 2009, p. 35).

À vista disso, em meio ao lugar que até então não me reconhecia como parte daquilo, de tamanha construção, me percebi em viagem para perto, para casa, para dentro de mim.

## FOTOGRAFIA

Não sei quando, onde e como comecei a usar a fotografia como expressão do que via e sentia, talvez tenho uma vaga ideia de que minha querida amiga e artista visual, Samara Lima, possa ter me apresentado um pouco ou muito de um olhar que compartilhamos, olhar esse que não era comum, ao meu ver, pois ela captava entremeios, entre-linhas e entre-esquinas, lugares e vistas que jamais ousei ver. Acredito que começamos a nossa amizade a partir do incomum que era comum a nós: a arte de ver as coisas. Aqui, dedico essa escrita a ela.

A inspiração do tema de pesquisa veio a partir de nossas trocas, ao ver suas primeiras fotografias da quadra; percebi ali que me colocaria a fazer também, contudo, diferente dos registros compartilhados comigo, com os quais fiquei maravilhado pelo recorte: uma pequena foto, pequena mesmo: azul o céu e branco o concreto, branco esse que dá característica principal à quadra; foi através desse registro que lancei o desafio feito a mim mesmo, e me coloquei a registrar e percorrer aquele lugar que me foi mostrado e que tanto amei.



Fotografia 1 - Samara Lima, 2015

A câmera fotográfica como uma novidade em minhas mãos e a possibilidade de fazer algo diferente, para mim, foi uma, de tantas motivações que eu tinha: o desejo de me colocar como artista/fotógrafo se fez como uma possibilidade de extensão do que eu sentia ao me (re)encontrar andando pela quadra, e que me fazia estar tão confortável em minha companhia; me perder em uma escada, me deparar com uma parede ou mais outra entrada foi importante para eu me encontrar em meio ao labirinto.

Os registros capturados constroem uma narrativa do percurso, uma rota, formando um todo, que se faz como experimento entre arte e turismo. Decidi fazê-las em cores preto e branco, alcançando profundidade através das sombras; ir mais a fundo do concreto para investigar e discorrer sobre o que sentia naquele momento. As cores aparecem, de forma pontual, trazendo o real vivido, acrescentando com naturalidade o imaginário de quem as vê.

O propósito é revelar a estranheza de forma contínua, como a própria quadra, que possui passagens, becos que se interligam. Os registros vêm a partir de um labirinto arquitetônico visual e mental: como dar sentido e direção a algo que é confuso? No caso, confuso para quem vê ou para quem anda.

Desse modo, “A natureza que fala a câmera não é a mesma que fala ao olhar: é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente.” (BENJAMIN, 1994, p. 94).

A fotografia aqui se coloca como ponto de partida para revelar/mostrar um potencial atrativo turístico de identidade brasiliense, afetivo para mim, como lugar de descoberta de uma nova paisagem poética na cidade. A construção da Babilônia como edificação do imaginário obtido de quem passa por ela.

## GUIA TURÍSTICO E FOTOLIVRO

Me propondo a juntar ou singularizar dois materiais impressos que têm significados distintos, porém, que se encaixaram de forma criativa em um novo modelo. O conjunto dos registros e a ideia de explorar e revelar um potencial atrativo turístico trouxe uma característica especial para esse produto, que tem a intenção de expor algo íntimo e, ao mesmo tempo, trazer uma experiência para quem o lê.

O *guia poético fotográfico* surge a partir de um guia turístico, que se define como um material impresso, gráfico, cartilha e livreto com informações de destinos turísticos, além de mapas e indicações de rotas e locais para visitação. Quanto ao fotolivro, segundo Martin Parr e Gerry Badger, “o fotolivro é o veículo mais efetivo para apresentar um trabalho de fotografia e mostrar a visão do autor para uma audiência de massa.” (LAMPERT apud PARR; BADGER, 2015, p. 23).



Ao pensar como essas duas visões pudessem se juntar, resolvi então fazer o guia: *Babilônia Norte: a quadra estranha de Brasília*, que apresenta a quadra com a qual tenho uma relação íntima e afetiva. Iniciando-se a partir do caminhar pela própria cidade, me colocando como artista e fotógrafo, captando um olhar curioso sobre o lugar que sempre, ou quase sempre, desperta curiosidade para quem o vê. Trazendo comigo a ideia de ser: “[...] aquele viajante que se espanta com o que vê, como se olhasse pela primeira vez, como se estivesse sempre chegando. Esperar. Aceitar o princípio de não ver imediatamente. Não se precipitar.” (DIAS, 2022, p. 147). Assim o fiz, aproveitando cada momento, cada olhar sobre o que via ou que se repetia na minha frente.

Na verdade, o Guia, a Prosa, o Poema e o Atlas oferecem a ocasião daquilo que Plotino chamava uma dialética descendente: detalhes, lembranças, ideias, conceito, tudo contribui para a solicitação do desejo, descobrimos, sustentamos, alimentamos o desejo depois o usufruímos, ele nos constrói tanto quanto o construímos. (ONFRAY, 2009, p. 24)

Como descrito por Onfray, a oportunidade de mostrar detalhes da arquitetura que, quando voltei a ver, me apaixonei, como quem vê de perto a cor dos olhos de quem se gosta, surgiu a partir do desejo de tornar essa minha descoberta registros que pudessem trazer consigo uma sensação, como a de quem anda pela primeira vez por um lugar.

## GUIA POÉTICO FOTOGRÁFICO

Propor uma imersão material e visual, veio como resultado a partir da poética de fotografias, em conjunto com a diagramação, montagem e cores que estão apresentadas no livro. Logo, busquei relacionar e entender como um guia turístico poderia ser ou se tornar um fotolivro, trazendo consigo a fotografia como informação sobre um lugar a ser revelado para quem o lê.

A curiosidade em conhecer e visitar um monumento é o ponto de partida para quem se coloca como turista, e, também, leitor; a viagem visual junto à composição dos registros e a estética da quadra exploram a arquitetura e fazem permanecer a ideia de continuidade, e, de certo modo, nos guia quanto à leitura e experiência vivida na Babilônia Norte.

Com rascunhos, traços e desenhos feitos por mim, João, trouxe uma releitura dos padrões geométricos da quadra, buscando em meu imaginário e memória fotográfica o que a torna uma característica única, como forma de transparecer, por meio de uma contracapa, pensamentos anotados que se traduzem em rabiscos passageiros, tornando-o mais íntimo.

Como trabalho artístico e autoral, decidi então nomeá-lo como um *Guia Poético Fotográfico*, tendo a liberdade de cruzar dois produtos, guia turístico e fotolivro, tornando este um só, e, assim, essa possibilidade se deu aqui como resultado exposto, algumas páginas adiantes.

O conceito do guia poético é uma experiência vivida e registrada, documentada como pesquisa de imagem e roteiro em cidade; estruturar e promover através de um olhar, olhar este atento ao que é bonito, ao meu ver, e despercebido por quem passa: um canto, uma vista, um detalhe que se mostra e faz perceber um encontro.

A paisagem se faz presente em todos os lados: transeuntes que circulam, pássaros que cantam, sol que bate, arde, queima, a miragem que se forma no espaço, mostrando-se calma, estável e aconchegante. O lugar enigmático que existe ao andar, mas ao estar sobre a sombra sequer existirá.

Karina Dias discorre que “Caminhando, quanto mais avançamos no espaço, mais o espaço avança em nós. Nessa relação nem sempre dócil, a paisagem vai se constituindo para aquele que caminha.” (DIAS, 2022, p. 147). Então, ao estar ali em vários momentos, ora seca, ora sombra e ora chuva; me angustiei por não captar uma cena de segundos, por não ter *zoom* disponível o suficiente ou mesmo os pés, por vezes, descalços; tudo foi e era motivo para sentir que estava submerso a um desejo de algo que se tornou, em meu pensar e aos meus olhos, uma grande mudança, de ser e viver como quem se atreve a caminhar longas distâncias.

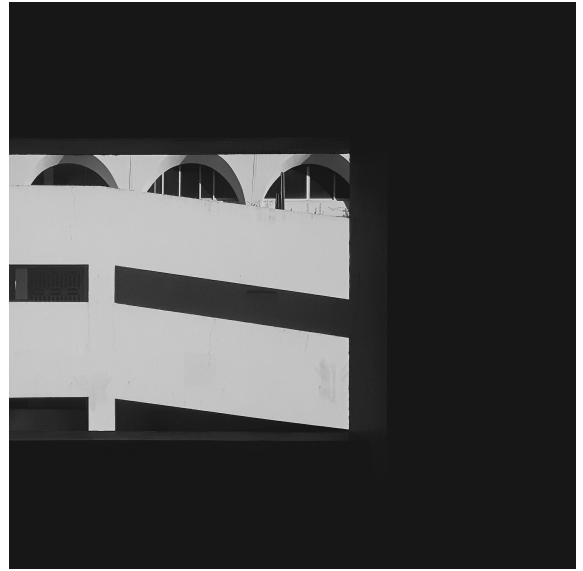


*meu corpo branco  
chega mais perto da janela  
lá embaixo  
não tem nada a ver  
lá de baixo  
ninguém me vê  
olhando pra tudo  
quanto é lado  
não tem nada a ver  
não tem nada a ver  
não tem nada a ver  
não tem nada a ver  
não tem nada a ver  
não tem nada a ver  
tá vendo?*

*(Restos Vitais, 2005. Nicolas Behr)*



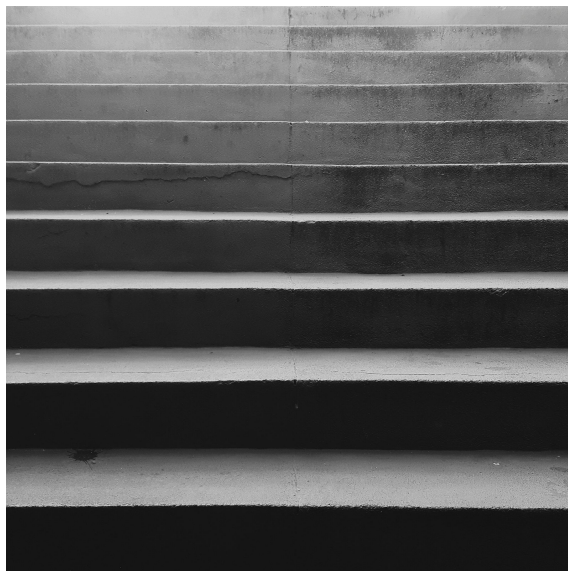
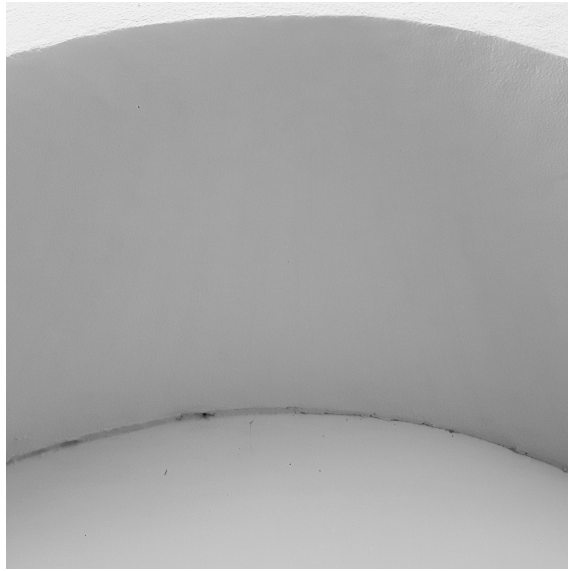






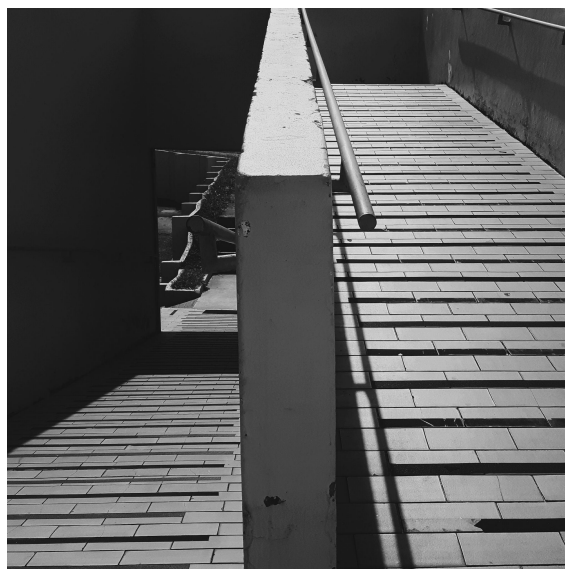




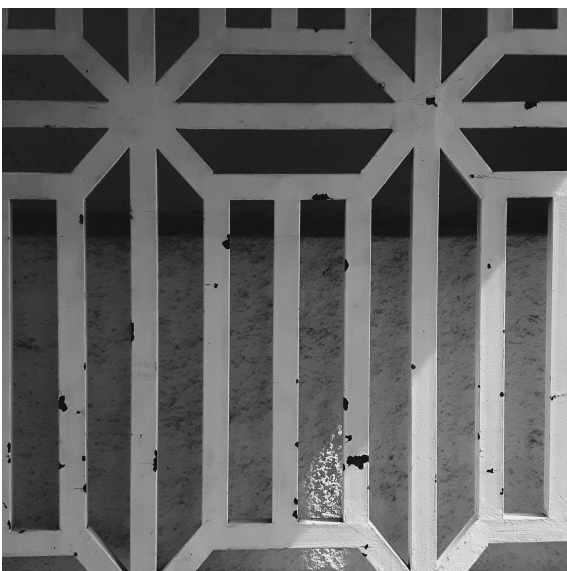
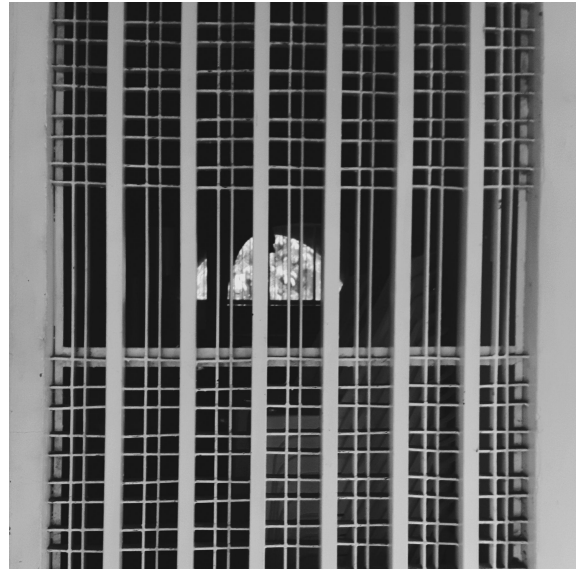




















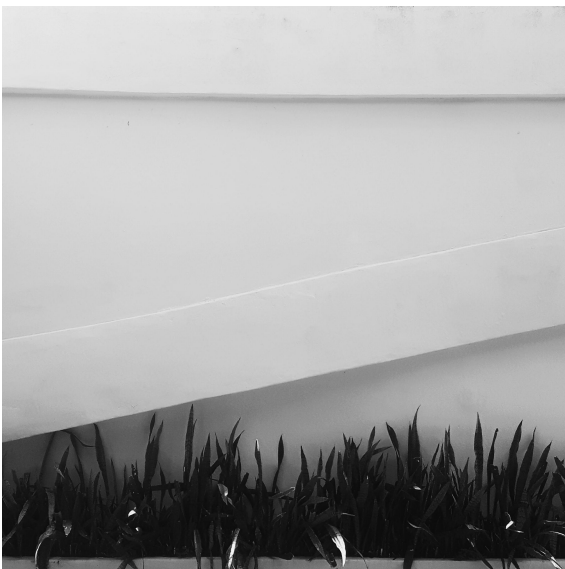


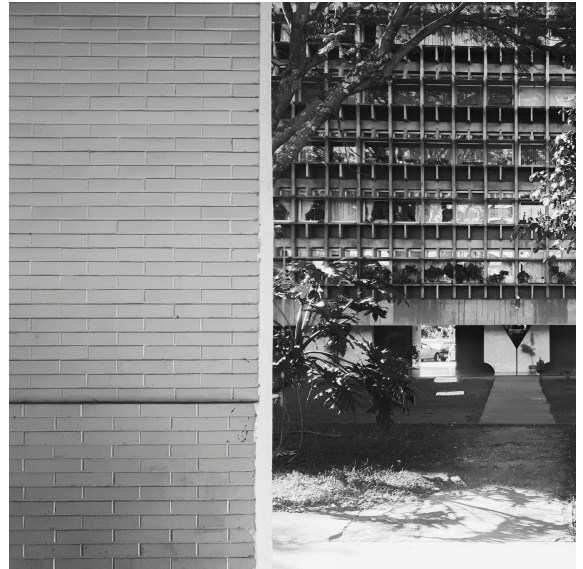


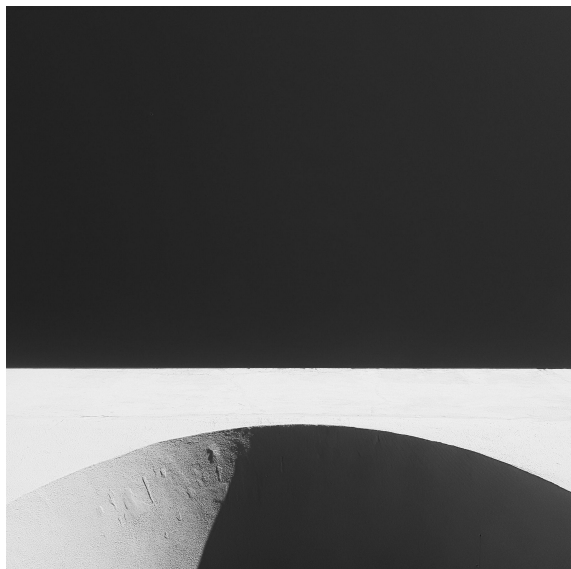
















## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Andar pelas quadras de Brasília ou por quaisquer paisagens além do quadrado Centro-Brasil, para quem se atenta a perceber o íntimo na viagem, viver uma experiência como passagem para algo que está dentro de nós, torna-se parte da descoberta poética. A vontade e desejo de criar e fazer do percurso um momento de percepção do horizonte é a real intenção desse projeto.

Descobrir um trajeto novo ou passar pelo mesmo uma ou mais vezes, parar e observar uma vista que se revela, é, talvez, descobrir o que faz a cidade, o que a faz parte de mim: uma extensão do que sentia em ver algo que sempre quis, tendo a fotografia como suporte para os registros que ora via ou desvia.

O Guia Poético foi construído, e digo isso no mesmo sentido de levantar uma laje, edifício, monumento, por ter o concreto como ferramenta de exposição e por tornar material a ideia de reflexão sobre o uso como potencial turístico, como atrativo aos que veem de fora, mas também ao cidadão que deseja viver experiências ainda não (re)conhecidas no próprio lugar onde mora.

Assim, a elaboração e publicação online do *Guia Poético Fotográfico: Babilônia Norte: a quadra estranha de Brasília* possibilita uma nova experiência visual da cidade, tornando-se ferramenta de pesquisa, exploração e leitura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

'Ideia era fazer diferente': arquiteta explica quadra 'estranha' de Brasília. **G1**. Brasília, 21 abr. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/04/ideia-era-fazer-diferente-arquiteta-explica-quadra-estranha-de-brasilia.html>>. Acesso em: 18 ago. 2022.

ABREU, Carina Vasconcellos. Conceito de Turista Cidadão na Ação Viva o Centro a Pé em Porto Alegre. In: **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. 16-17 nov. 2012. Caxias do Sul: 2012. Disponível em: <[https://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_7/arquivos/03/01\\_46\\_19\\_Abreu.pdf](https://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/03/01_46_19_Abreu.pdf)>. Acesso em: 19 ago. 2022.

BEHR, Nicolas. **Restos Vitais**. Brasília. 132 pp. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/16640545-Restos-vitais-copiraite-bai-nicolas-behr.html>>. Acesso em: 09 Set 2022.

BENJAMIN, Walter Benjamin. **Magia e técnica, arte e política**. Pequena história da fotografia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

ArPDF; CODEPLAN; DePHA. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**: GDF, 1991. 78 pp.

DIAS, Karina. Por uma Poética da Viagem: estar com a terra, habitar a paisagem. 2022. pp. 143-149. In: GALLY, Miguel et al. (org.). **Estéticas das viagens**. Belo Horizonte: ABRE - Associação Brasileira de Estética, 2022. E-book (467). Disponível em: <[http://esteticasnocentro.org/wp-content/uploads/2022/05/Esteticas-das-Viagens\\_digitalfinal.pdf](http://esteticasnocentro.org/wp-content/uploads/2022/05/Esteticas-das-Viagens_digitalfinal.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GASTAL, Susana. MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

LIMA, Samara Cristina de Jesus. **Olhar, fotografia e cidade**: o relato de uma turista/flâneur pela Escala Monumental de Brasília. 2015. 60 f., il. Monografia (Bacharelado em Turismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

Museu Virtual Brasília. **A construção de Brasília**. Disponível em: <[http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu\\_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=10](http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=10)>. Acesso em: 5 ago. 2022.

ONFRAY, Michel Onfray. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM Editores, 2009.

PARR, Martin; BADGER, Gerry. **The Photobook: A History Volume 1**. London: Phaidon,

Rodoferro. **Babilônia Norte | CURTA METRAGEM**. YouTube. 27 mar [15M15S]. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6gX1-j3ccC4>>. Acesso em: 08 Set 2022.

**APÊNDICE A – GUIA POÉTICO FOTOGRÁFICO**